

“Professor/a: Profissão de Risco?” Esta indagação orienta o percurso de Vera Candau que, em texto<sup>1</sup> instigante - assim intitulado - explora alguns “riscos” do ofício docente introduzidos, todos eles, por questões problematizadoras. Para os limites deste espaço foram selecionados alguns trechos que, através das perguntas lançadas, podem desencadear rico debate entre professores/as e equipes técnicas das escolas.

### Entre saberes e culturas: o que ensinar?

Esta pergunta é na atualidade extremamente desafiadora para nós, professores e professoras. A identidade docente tem estado fortemente ancorada, especialmente a partir do segundo segmento do ensino fundamental, no domínio de um conhecimento específico, do qual o/a professor/a é considerado/a especialista. A posse desse chamado conteúdo não é colocada em questão. Este saber, oriundo do campo científico de referência, dá ao docente segurança e convicção de que possui um patrimônio que lhe é próprio, que lhe corresponde socializar. Este conhecimento foi adquirido ao longo de vários anos de formação universitária e pertence aos iniciados em cada área específica do conhecimento considerado científico. Por outro lado, existem bons livros didáticos que pedagogizam e transpõem estes conteúdos aos diferentes níveis de ensino. Confiantes no nosso saber, formação e nos materiais de apoio selecionados, podemos desenvolver com tranquilidade e competência nossa atividade docente diária.

Esta era a visão dominante, mas a reflexão pedagógica em geral e, mais especificamente, a teoria curricular, nos últimos anos vem questionando fortemente esta concepção do conhecimento escolar. Este passa a ser concebido como uma construção específica do contexto educacional, em que o cruzamento entre diferente saberes, cotidianos e/ou sociais e científicos, referenciados a universos culturais plurais, se dá no dia a dia das escolas em processo de diálogo e confronto, permeados por relações de poder. Conhecimento escolar não é um dado inquestionável e neutro, a partir do qual nós professores/as configuramos nosso ensino. Trata-se de uma construção permeada por relações sociais e culturais, processos complexos de transposição/recontextualização didática e dinâmicas que têm de ser ressignificadas continuamente.

O que ensinar? Como favorecer aprendizagens significativas? Estas perguntas, mais ou menos óbvias e tranquilas em outros tempos passam, hoje, a ser questões desestabilizadoras e instigantes, que admitem respostas múltiplas, segundo as concepções epistemológicas e educativas que informem nossas práticas cotidianas.

### Nossos alunos e alunas: identidades plurais e fluidas que nos escapam a cada momento?

Outra questão que informa a prática docente diz respeito à caracterização de nossos alunos e alunas. Durante muito tempo nos pautamos em nosso dia a dia por uma visão do que se convencionou chamar de aluno médio, certamente uma abstração, mas que constituía uma referência para a docência. De onde veio esta construção? Acredito que se possa afirmar que está baseada numa simplificação de textos de psicologia do desenvolvimento e da psicologia da educação, em que são apresentadas as principais características de diferentes etapas da vida, no nosso caso das fases da infância, da pré-adolescência e da adolescência. Muitas vezes trata-se de elementos que favorecem uma visão homogeneizadora, que tendem a descrever de modo uniforme os/as alunos/as. Tendemos a assumir esta visão uniforme destes personagens e a adequar nosso ensino a esta visão.

Basta entrar em uma sala de aula do ensino fundamental com um olhar sensível às diferenças para que se evidencie a inadequação desta perspectiva. As crianças e adolescentes explodem este modo de encará-los. Apresentam formas de expressar-se, comportar-se, situar-se diante de distintas situações que questionam nossas formas habituais, socialmente construídas, de lidar com elas. Diferenças de gênero, físico-sensoriais, étnicas, religiosas, de contextos sociais de referência, de orientação sexual, entre outras, se visibilizam e expressam nos cenários escolares. Educadores e educadoras nos manifestamos muitas vezes desconcertados com nossos alunos e alunas, diante desta explosão das diferenças. Tendemos, com frequência, a encará-la negativamente, já não se fazem alunos como antigamente ..., afirmamos explicita ou implicitamente. Os/as alunos/as estão exigindo de nós educadores/as, novas formas de reconhecimento de suas alteridades, de atuar, negociar, dialogar, propor e criar. Estamos desafiados/as a superar uma visão padronizadora, assim como um olhar impregnado por um juízo, em geral, negativo de suas manifestações. Trata-se de abrir espaços que nos permitam compreender estas novas configurações identitárias, plurais e fluidas, presentes nas nossas escolas e na nossa sociedade.

### Que significa cidadania em sociedades marcadas pelo individualismo e a cultura do consumo? Qual o papel da escola nesta perspectiva?

Entre os objetivos das escolas, um dos considerados básicos, constitutivos da própria configuração da instituição escolar, é a formação para a cidadania. Mas o que quer dizer esta expressão hoje? Ainda tem sentido afirmá-la? Cidadania, em geral, é uma categoria relacionada com a consciência de pertença a um estado-nação. Serviu historicamente, me atrevera a afirmar, para negar ou silenciar diferenças: Somos todos brasileiros é uma expressão muitas vezes utilizada para superar conflitos e não reconhecer desigualdades e discriminações.

(...)

(...) problematizar a questão da cidadania constitui um desafio importante para nós educadores e educadoras. De que cidadania estamos falando? Que cidadania queremos ajudar a construir? Como ressignificar este conceito que está relacionado com a dimensão pública, sociopolítica e coletiva da vida? Como favorecer uma cidadania diferenciada, que procura articular igualdade e diferença? (...)

**Profissão de risco... Certamente ser professor/a, hoje, supõe assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do “ofício de professor”, e ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados para a promoção de uma educação de qualidade social para todos/as. Mas não é isto que permite humanizarmos-nos e humanizar, nos aprofundar nos dilemas de nosso tempo, dilatar horizontes, desafiar, criar? Não são estas as “marcas” da profissão docente?**

<sup>1</sup> Texto completo publicado no livro Didática: questões contemporâneas (p.93-98), sugerido em Enriquecendo a ação, e também na revista Novamerica/Nuevamerica (nº 118, jun/2008, p. 60-65), que pode ser acessada no site da Novamerica ([www.novamerica.org.br](http://www.novamerica.org.br))

## DATAS

## SIGNIFICATIVAS

## SETEMBRO

16

Dia Internacional da Paz

21

Dia Nacional de Luta dos Portadores de Deficiências

23

Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Crianças e Mulheres

27

Dia Internacional do Idoso

21

Dia da Árvore

## OUTUBRO

02

Dia Mundial da Juventude

08

Dia do Direito à Vida

12

Dia das Crianças

15

Dia do/a professor/a

17

Dia dos Idosos

# DDHH

## Direitos Humanos na sala de aula

## APRESENTAÇÃO

Este é um bimestre com jeito um tanto mágico.

Celebra junto a criança, o/a jovem e o/a idoso/a, como a vida deveria cotidianamente celebrar.

Comemora a música e a poesia, sons da alma humana se revelando.

Acolhe aqueles e aquelas que “falam/ouvem” diferente, “veem” diferente, pensam e sentem de modo especial.

Veste-se de verde para lembrar que Gaia tem direitos que merecem cuidados. De todos e todas.

Como se não bastasse, se perfuma e se enfeita com as cores da recém chegada primavera.

Por tudo isso merece evento especial, o que Sala de aula em movimento animadamente propõe.

Também por tudo isso Temos direito abre espaço para lembrar que dispomos de um Plano Nacional que traça, para a educação básica, princípios norteadores da Educação em Direitos Humanos. Educação que justifica o MEDH e alimenta este boletim.

É ainda o bimestre do/a professor/a a quem Vera Candau presenteia com questões provocativas, porque entende que o melhor modo de ser professor/a é rever e se rever. Sempre!

E nós, colegas de ofício, oferecemos flores, perfumes e cores da primavera inteira com recado de Guimarães Rosa no “cartão”. Recado que é fonte de juventude eterna o que, convenhamos, combina perfeitamente com o bimestre.

A equipe

NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 NOVAMERICA  
Rua Dezenove de Fevereiro, 160  
Botafogo - CEP : 22280 - 030  
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL  
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033  
E-mail: [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br)  
<http://www.novamerica.org.br>

Editora ..... Susana Sacavino  
Texto Final ..... Iliana Aida Paulo  
Supervisão Editorial ..... Adelia Maria Koff  
Composição Gráfica ..... Companhia Visual Manteca  
Equipe Responsável ..... Vera Maria Candau  
Sílvia Maria F. Pedreira  
Marilena Varejão Guersola

Direitos Humanos  
na sala de aula

## PARTICIPE

Nosso próximo boletim (último do ano), como já sabe, será escrito por você que anda por aí “movimentando sua sala de aula”, com os DDHH marcando o ritmo e tendo o lema/2011 como refrão. **Envie-nos seu material até 26 de outubro** para preencher, com seu trabalho, as páginas centrais da edição nº 116. Para informações adicionais, entre em contato conosco (tel: 2542 6244 ou [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br)) ou fale com a coordenadora de seu núcleo. **Participe!**

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.  
Guimarães Rosa

NOVAMERICA



DIFERENÇAS SIM!  
DESIGUALDADES NÃO!